

LINGUAGEM E PRÁTICAS DE ESCRITA NO CAMPO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: A PRIMAZIA DA EXPERIÊNCIA DO SUJEITO

Henrique José Alves **Rodrigues** – PPGE UFES

Agência Financiadora: UFES/CAPES

Resumo

Tendo como horizonte as pistas teóricas e metodológicas da educação popular, da psicogênese da língua escrita e dos estudos contemporâneos da linguagem, o presente processo de pesquisa possui como objetivo geral estudar no plano teórico e analisar no locus de pesquisa os processos de aprendizagem da escrita no âmbito da alfabetização na EJA, tendo como foco a interface entre linguagem, escrita e criação. Trabalhamos com a ideia de que o plano da experiência dos sujeitos na escola só pode ser compreendido em sua dimensão de dispersão das práticas. Ou seja, à pergunta se os sujeitos estão aplicando os princípios determinados pela política pública, sugerimos a pergunta: como os sujeitos – educandos e educadores - têm dado sentido aos dispositivos previstos pelas políticas de indução de EJA no que se refere aos processos de alfabetização. Neste momento algumas estratégias estão sendo coletivamente pensadas no âmbito da escola; uma delas é a socialização dos desafios pedagógicos pelo coletivo de educadores, com a visualização das atividades propostas e a produção escrita dos educandos.

LINGUAGEM E PRÁTICAS DE ESCRITA NO CAMPO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: A PRIMAZIA DA EXPERIÊNCIA DO SUJEITO

Introdução

Tendo como tema os processos de aprendizagem da escrita na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, a presente pesquisa em andamento em curso de doutorado move-se por abordar as práticas de escrita dos educandos e as estratégias pedagógicas elaboradas por um coletivo de educadores pela via de uma teorização acerca da interface linguagem e criação. A delimitação temática surgiu da imersão no cotidiano de uma escola exclusivamente de EJA no município de Vitória\ES, que oferta EJA em seus três turnos de funcionamento, na qual acompanhamos e participamos do planejamento, do processo

formativo e do trabalho diário de alfabetização de quatro das vinte e duas turmas ofertadas. Essa escola compõe a política pública de EJA do município, que possui como um de seus dispositivos curriculares a possibilidade de constituição de duplas de educadores atuando numa mesma sala de aula. A ideia é problematizar a disciplinarização dos saberes e os especialismos, movendo-se por uma proposta interdisciplinar. Outro aspecto da política pública municipal é que a mesma se referencia por princípios da Educação Popular, dentre os quais a premissa de que a experiência dos sujeitos se constitui uma das matrizes do currículo. No processo de acompanhamento das turmas de alfabetização várias questões têm emergido, dentre as quais uma exigiu observação atenta: uma tensão entre a orientação pedagógica da equipe de coordenação da escola e as práticas de alfabetização em sala de aula. Enquanto a orientação pedagógica centrava o foco na potencialização da oralidade, no uso do texto, na abordagem de questões de várias áreas do saber e o debate de temas significativos, algumas práticas observadas estavam permeadas pela aceitação da demanda do alfabetizando em soletrar palavras; pela ênfase na sílaba e na correspondência mecânica entre som e letra, além de um discurso sempre presente: “não posso ensinar matemática, ciência e história, os educandos querem aprender a ler e a escrever”. Ao mesmo tempo, algumas se mostravam fragilizadas, sem autonomia para praticarem um processo alfabetizador em que elas efetivamente acreditavam: “se fosse do meu jeito, da forma como eu sei alfabetizar, alguns alunos já estariam lendo”. No início deste ano letivo de 2015, ao retornarmos à escola fomos surpreendidos por um dado est arrecedor: todas as turmas de alfabetização – primeiro segmento – tiveram índices de reprovação de mais de sessenta por cento. Das observações no processo de acompanhamento foram elaboradas algumas perguntas: como as alfabetizadoras veem efetivamente a política pública de EJA do município? As orientações da coordenação da escola fortalecem ou enfraquecem o processo de trabalho em sala de aula?

Alguns Pressupostos de Pesquisa

Este projeto de pesquisa parte da aposta política e ética da possibilidade do exercício de princípios da Educação Popular num equipamento estatal, desde que concebamos a alfabetização (e aí incluído todo o processo de escolarização) como tempo e espaço de produção de sentidos de si e do mundo. Trabalhamos com a ideia de que se o plano da indução da política pública de EJA no município se configura como dispositivo de orientação das práticas, o plano da experiência pedagógica dos sujeitos na escola só

pode ser compreendido em sua dimensão de *dispersão das práticas*. Ou seja, à pergunta se os sujeitos estão aplicando os princípios determinados pela política pública, sugerimos a pergunta: como os sujeitos – educandos e educadores - têm dado sentido aos dispositivos previstos pelas políticas de indução de EJA no que se refere aos processos de alfabetização.

Metodologia

Tendo como princípio metodológico a ideia de uma pesquisa-intervenção – e não uma pesquisa de intervenção – procuramos nos fundamentar nas pistas metodológicas de Paulo Freire (2000), Carlos Brandão (2003) e Sílvia Tedesco (2009) que possuem em comum a afirmação da premissa de que o ato de pesquisar não emana de um-lugar neutro e privilegiado, mas de dentro dos processos que se quer analisar. Outro princípio metodológico é a premissa de que entre o plano teórico e o plano da empiria não existe hierarquia epistemológica, pois os dois planos se constituem em duas dimensões do processo de produção do conhecimento, que por serem distintas devem dialogar.

Objetivos

O projeto de pesquisa possui como **objetivo geral** estudar no plano teórico e acompanhar e analisar no lócus de pesquisa os processos de aprendizagem da escrita no âmbito da alfabetização na Educação de Jovens e Adultos, tendo como foco a interface entre linguagem, práticas de escrita e criação. Os **objetivos específicos** são: 1- Aprofundar estudo teórico acerca de categorias que se constituíram em ferramentas e lentes de produção de sentido das questões que vêm emergindo na experiência de pesquisa no cotidiano da escola: linguagem, escrita, oralidade, criação, sujeito, experiência, dispositivo, diálogo, prática e cognição; 2- Selecionar, acompanhar e analisar as produções escritas de alguns educandos das turmas de alfabetização da escola de EJA onde a pesquisa se move, tendo como questões de análise a forma como os sujeitos elaboram sentidos sobre o escrito e como as práticas de linguagem orais e escritas se relacionam com seus modos de vida; 3- Elaborar, conjuntamente com o coletivo de educadores e educandos, estratégias e dispositivos pedagógicos que fortaleçam os processos de aprendizagem da escrita no âmbito da escola.

Bases teóricas

No processo de pesquisa temos feito algumas escolhas que nos fazem dialogar com alguns intercessores teóricos: a) O pensamento de Paulo Freire (2005) sobre uma educação dialógica, em que vislumbramos uma temática da “superação” subjetiva que reiteradamente atravessa os livros do educador em diferentes momentos de produção. Suspeitamos que esta temática da “superação” subjetiva possui duas dimensões distintas e opostas no pensamento de Freire. Uma hipótese é de que existe uma **dimensão epistemológica**, em que Freire (2005) postula a “promoção” do senso comum para a curiosidade epistêmica, da consciência mágica para a consciência crítica, chegando a definir conscientização como aprofundamento da visão crítica sobre o mundo, em direção a uma rigorosidade epistêmica (FREIRE, 1985). Na segunda dimensão, **ética e estética**, o processo subjetivo se distingue. É ética por uma radical abertura ao outro e aos seus saberes; é estética pelo fato do diálogo provocar “abalos” e deriva, um trabalho sobre si naqueles que se expõem ao processo dialógico. Não que a filosofia e a ciência são negadas, mas nesta dimensão a noção do processo de aprender e ser sujeito não se esgota numa premissa epistemológica. b) O pensamento de Emília Ferreiro (1999; 2013) acerca da alfabetização e das culturas do escrito. Na década de 1980, a educação brasileira viveu o impacto das revelações da psicogênese da língua escrita e o campo da alfabetização de adultos não ficou imune a tais abalos. Ferreiro se constituiu em intercessora deste processo de pesquisa pela leitura de um estudo acadêmico de Edna Oliveira Castro (1988) que propôs uma revisão teórica da proposta de alfabetização de adultos de Paulo Freire, fundamentando-se nos estudos de Ferreiro e nos fundamentos da linguística e da sociolinguística. A pesquisadora argentina nos indica um deslocamento do olhar no campo da alfabetização: da querela dos métodos – ou da melhor forma para se ensinar – para o processo de aquisição da escrita – ou como os sujeitos aprendem. Se antes os sujeitos não-alfabetizados eram situados em um lugar de um não saber sobre a escrita, a psicogênese da língua escrita aponta que os sujeitos em processo de alfabetização elaboram conceitualizações sucessivas sobre a escrita alfabética. Foram nestas postulações de Ferreiro, que Oliveira (1988) se fundamentou para elaborar uma abordagem crítica da proposta de alfabetização de Freire a *partir do próprio Freire*. Se a teoria do conhecimento deste pensador postula o ato criador dos sujeitos na escrita da história e na leitura do mundo, faltava ampliar este ato criador para o campo da escrita. Nas trilhas abertas por Ferreiro, Oliveira (1988) sustenta que os adultos analfabetos, quando chegam tardiamente às salas de aula, possuem, além de suas experiências de trabalho e de cultura, uma experiência com o mundo letrado das

metrópoles urbanas. Portanto, os adultos elaboram saberes sobre o escrito, possuem hipóteses, elaboram funções e sentidos que seguem processos de variação conforme a ampliação das experiências com o escrito. c) Os estudos sobre linguagem e criação da psicóloga Sílvia Tedesco (2005; 2008a; 2008b) que nos auxilia a conceber uma escrita-criação e um coletivo-singular. A noção de escrita-criação nos remete a usos da linguagem escrita que escapam às normas da língua, não por processos de negação das regularidades e das convenções da escrita, mas por um uso reiterado e original do repertório normativo. Com a noção de um coletivo-singular, Tedesco (2008) tenta refutar tanto a ideia de um coletivo-organização, com suas hierarquias e normatizações, quanto a individuação ou a personalidade intimista como vetores das práticas de escrita-criação; a singularidade da escrita se produz no campo de forças do coletivo, gerando não uma linguagem homogênea, mas uma variação criativa.

Considerações Preliminares

Neste momento algumas estratégias estão sendo coletivamente pensadas; uma delas é a socialização dos desafios pedagógicos pelo coletivo de educadores, com a visualização das atividades propostas e a produção escrita dos educandos. Ainda é um processo incipiente, mas podemos perceber que antigas tensões entre grupos de educadores se esvaziam quando o foco é o diálogo sobre os modos de ensinar e aprender a escrita; algumas vozes, antes silenciadas, começam a se pronunciar para relatar a sua experiência e desafios pedagógicos. Entendemos que podemos, pela via desta estratégia, nos constituir num coletivo de forças que pode deslocar antigas tensões e inventar um novo modo de funcionamento nas formações, que contribua para a invenção de saídas pedagógicas que as salas de aula nos impõem.

Referências

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A pergunta a várias mãos: a experiência da partilha através da pesquisa na educação**. São Paulo: Cortez, 2003.
- FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- FERREIRO, Emília. **O ingresso na escrita e nas culturas do escrito: seleção de textos de pesquisa**. São Paulo: Cortez, 2013.
- FREIRE, Paulo. **Por uma pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

- FREIRE, Paulo. **A Educação na Cidade**. São Paulo: Cortez, 2000.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- OLIVEIRA, Edna Castro de. **A escrita de adolescentes e adultos: processo de aquisição e leitura do mundo**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 1988.
- TEDESCO, Silvia. Mapeando o domínio da psicologia da linguagem: Por uma abordagem pragmática das palavras. In: KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia; PASSOS, Eduardo (org.). **Políticas de cognição**. Porto Alegre: Sulina, 2008 a.
- TEDESCO, Sílvia. Os três planos da linguagem: uma abordagem pragmática do sentido. In: ARRUDA, Arthur; BEZERRA JR., Benilton; TEDESCO, Silvia (org.). **Pragmatismos, pragmáticas e produção de subjetividades**. Rio de Janeiro: Garamond, 2008b.
- TEDESCO, Silvia. Literatura e clínica: ato de criação e subjetividade. In: MACIEL JR., Aterives; KUPERMANN, Daniel; TEDESCO, Silvia (orgs.). **Polifonias: clínica, política e criação**. Contra Capa Livraria. Mestrado em Psicologia da Universidade Fluminense, 2005.
- TEDESCO, Sílvia; ESCÓSSIA, Liliana de. O coletivo de forças como plano de experiência cartográfica. IN: PASSOS, Eduardo [et al] (orgs.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.